



CONAN

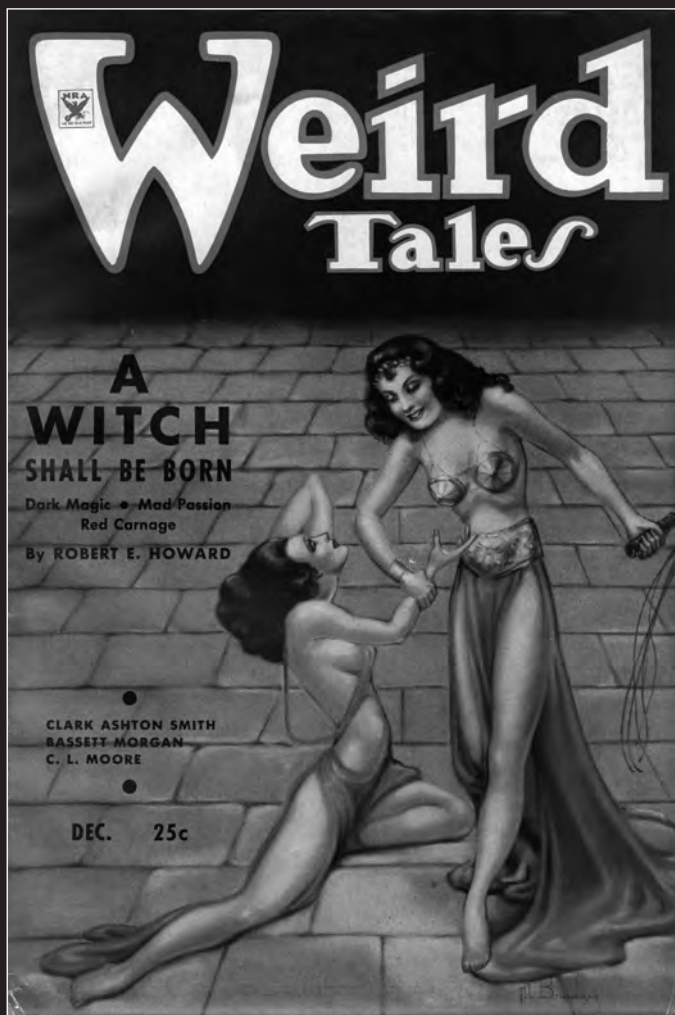
O BÁRBARO

ROBERT E. HOWARD

Tradução de Alexandre Callari

PIPOCA &
NANQUIM

Uma Bruxa (A WITCH SHALL BE BORN) Nascerá



História originalmente publicada em *Weird Tales* — dezembro de 1934.



I

LUA CRESCENTE DE SANGUE

Taramis, rainha de Khauran, despertou de um sonho assombrado para uma quietude que parecia mais aquela de catacumbas à noite do que o habitual silêncio de um dormitório. Ela ficou encarando as trevas, perguntando-se por que as velas no candelabro dourado tinham se apagado. Um salpicar de estrelas marcava um caixilho com grades de ouro, sem levar iluminação para o interior do cômodo. Mas, ali deitada, Taramis percebeu um ponto radiante brilhando na escuridão à sua frente. Ela observou, intrigada. Ele cresceu e sua intensidade se aprofundou conforme se expandia; um disco de luz lúrida se alargando, planando, recortado contra as cortinas de veludo da parede oposta. Taramis prendeu o fôle-

go, pondo-se sentada. Um objeto escuro era visível naquele círculo de luz... *uma cabeça humana.*

Num pânico súbito, a rainha abriu os lábios para chamar suas camareiras; então, controlou-se. O brilho estava mais lúrido, a cabeça retratada mais vividamente. Era a cabeça de uma mulher, pequena, delicadamente moldada, com um soberbo equilíbrio e uma cabeleira preta brilhante amontoada no topo. O rosto ganhou melhor definição conforme ela observava, e foi a visão dele que congelou o grito na garganta de Taramis. As feições eram as suas próprias! Ela poderia estar olhando para um espelho que alterava sutilmente seu reflexo, emprestando-lhe um brilho de tigresa aos olhos, uma rancorosa curvatura aos lábios.

— Ishtar! — Taramis resfolegou. — Fui enfeitiçada!

Aterrorizante, a aparição falou, e sua voz era como veneno melado.

— Enfeitiçada? Não, doce irmã. Não existe feitiçaria aqui.

— Irmã? — Gaguejou a garota, perplexa. — Eu não tenho irmã.

— Você nunca teve uma irmã? — Disse a voz doce, zombeteira e insalubre. — Nenhuma irmã gêmea, cuja carne fosse tão macia quanto a sua, para acariciar ou ferir?

— Outrora tive uma irmã — Taramis respondeu, ainda convencida de que estava nas garras de algum tipo de pesadelo. — Mas ela morreu.

O belo rosto redondo se contorceu em um aspecto de fúria; sua expressão tornou-se tão infernal que Taramis, encolhendo-se, quase esperava ver cachos tornarem-se cobras e sibilarem acima daquela testa marmórea.

— Você mente! — A acusação foi rispidamente cuspidada dos lábios vermelhos. — Ela não morreu, tola! Ah, chega desta palhaçada! Olhe... E que sua visão seja amaldiçoada!

A luz correu repentina ao longo das cortinas como serpentes flamejantes, e as velas no candelabro dourado inexplicavelmente tornaram a se acender. Taramis se acorrou em seu divã de veludo, as pernas delgadas flexionadas, os olhos arregalados diante da figura felina que pousava zombeteira à sua frente. Era como se visse outra Taramis, idêntica em todos os contornos de traços e membros, embora animada por uma personalidade maligna e estranha. A face daquela estranha pária refletia o oposto de todas as características denotadas no rosto da rainha. Luxúria e mistério faiscavam em seus olhos cintilantes, crueldade espreitava no sorriso dos grossos lábios rubros. Cada movimento do corpo delgado era sutilmente sugestivo. Seu penteado imitava o da rainha e seus pés traziam sandálias douradas

como as que Taramis vestia em seu quarto privativo. A túnica de seda sem mangas e de gola baixa, com costuras de ouro na cintura, era uma duplicata da sua roupa de dormir.

— Quem é você? — Taramis perguntou, e um arrepio correu por sua espinha. — Explique sua presença antes que eu chame minhas damas de companhia e elas convoquem a guarda!

— Grite até as vigas do teto racharem — a estranha respondeu, insensível. — Suas vagabundas não acordarão antes da alvorada, nem mesmo se o palácio pegar fogo. Os guardas não escutarão seus guinchos; foram mandados para fora desta ala do palácio.

— Quê? — Bradou Taramis, enrijecendo numa majestade ultrajada. — Quem ousou dar essa ordem aos meus guardas?

— Eu ousei, doce irmã — divertiu-se a outra. — Há pouco, logo antes de entrar. Eles acharam que era a sua adorada rainha. Hah! Desempenhei magnificamente o papel! Com toda dignidade imperial, amolecida pela doçura feminina, me dirigi aos grandes idiotas, que se ajoelharam em suas armaduras e elmos emplumados.

Taramis sentiu como se uma rede sufocante de espanto tivesse sido lançada sobre ela.

— Quem é você? — Gritou desesperadamente. — Que loucura é esta? Por que veio aqui?

— Quem sou? — Havia o desprezo do sibilo de uma cobra na suave resposta. A garota caminhou até o divã, segurou os ombros brancos da rainha com dedos ferozes e curvou-se para encarar seus olhos pasmos. E, sob o feitiço daquele olhar hipnótico, Taramis esqueceu-se de se ressentir do ultraje sem precedentes de ter mãos violentas tocando sua, então imaculada, pele régia.

— Idiota! — Rugiu a aparição. — Precisa perguntar? Não consegue imaginar? Eu sou Salomé!

— Salomé! — Taramis repetiu a palavra, e seu couro cabeludo se arrepiou ao perceber a verdade incrível e entorpecedora daquela afirmação. — Pensei que tivesse morrido ao nascer — emendou debilmente.

— Como pensaram muitos — a mulher que se dizia Salomé respondeu. — Eles me levaram ao deserto para morrer, malditos sejam! Eu, um bebê indefeso chorando, cuja vida, de tão jovem, mal formava a chama de uma vela. E quer saber por que me levaram para a morte?

— Eu... eu ouvi a história... — Taramis titubeou.

Salomé deu uma gargalhada feroz e bateu no peito. A túnica de gola baixa desnudou seus seios firmes e, entre eles, brilhava uma curiosa marca... uma lua crescente, vermelha como sangue.

— A marca da bruxa! — Taramis gritou, se encolhendo.

— Sim! — A risada de Salomé foi afiada com ódio. — A maldição dos reis de Khauran! Sim... a história é contada nos mercados, acompanhada de olhos revirando e o sacudir de barbas, os tolos devotos! Eles contam como a primeira rainha de nossa linhagem comungou com um demônio das trevas e teve uma filha, que vive até hoje nas lendas imundas. Portanto, a cada século nasce uma garota na dinastia askhauriana com uma lua escarlata entre os seios, que marca o seu destino. A cada século, uma bruxa nascerá. Assim determina a antiga maldição e assim aconteceu. Algumas foram mortas ao nascer, como tentaram fazer comigo. Algumas caminharam pela Terra como bruxas, orgulhosas filhas de Khauran, com a lua do Inferno queimando entre os seios de mármore. Cada qual recebeu o nome de Salomé. Sempre foi Salomé, a bruxa. Sempre será Salomé, a bruxa, mesmo quando as montanhas de gelo tiverem deixado o polo e levado as civilizações à ruína, e um novo mundo tiver surgido das cinzas e do pó... mesmo assim, haverá Salomé para caminhar pela Terra, para apreender o coração dos homens com sua feitiçaria, para dançar diante dos reis do mundo, para ver a cabeça dos sábios cair a seu bel-prazer.

— Mas... mas você... — Taramis gaguejou.

— Eu? — Os olhos cintilantes queimaram como chamas sombrias e misteriosas. — Eles me levaram para o deserto, longe da cidade, e me deitaram nua na areia quente, sob o sol escaldante. A seguir, cavalgaram para longe, deixando-me para os chacais, abutres e lobos do deserto. Mas a vida em mim era mais forte do que a vida nas pessoas comuns, pois compartilha da essência de forças que fervilham nos golfos negros, além do conhecimento dos homens. As horas passaram e o sol me açoitou como as chamas do Inferno, mas eu não morri... Sim, recordo-me de parte daquele tormento de forma débil e distante, como alguém se lembra de um sonho turvo e amorfo. Então surgiram camelos e homens de pele amarela vestindo mantos de seda e falando uma língua estranha. Perdidos do trajeto das caravanas, passaram perto e seu líder me viu, reconhecendo a lua crescente escarlata em meu peito. Ele me acolheu e me deu a vida. Era um mago da distante Khitai que retornava ao seu reino nativo após uma jornada à Stygia. Levou-me consigo para Paikang, das torres púrpuras, suas mesquitas erguendo-se em meio às selvas

enfeitadas com parreiras de bambu, onde cresci sob sua tutela até tornar-me mulher. A idade conferira uma sabedoria sombria a ele, sem enfraquecer seus poderes malignos. Ele me ensinou muitas coisas...

Ela fez uma pausa, sorrindo enigmática, com mistério malévolo cintilando em seus olhos escuros. Então, jogou a cabeça para trás.

— Enfim, ele me afastou, dizendo que, apesar de seus ensinamentos, eu não passava de uma bruxa comum e não estava apta a comandar a poderosa feitiçaria que ele teria me ensinado. Disse que me tornaria a rainha do mundo e governaria as nações através de mim, mas que eu não passava de uma meretriz das trevas. Mas e então? Jamais suportaria ficar enfiada dentro de uma torre dourada e passar horas a fio olhando dentro de um globo de cristal, balbuciando encantos escritos em pele de serpente com o sangue de virgens, debruçada sobre volumes registrados em línguas já esquecidas. Ele me disse que eu não passava de uma fada terrena, que nada sabia dos golfos mais profundos da feitiçaria cósmica. Bem, este mundo contém tudo que desejo... poder, pompa, ostentação cintilante e homens bonitos e mulheres macias para serem amantes e escravas. Ele me contou quem eu era, falou-me sobre a maldição e minha herança. Voltei para tomar aquilo sobre o qual possuo tanto direito quanto você. E que agora será meu pelo direito da posse.

— O que quer dizer? — Taramis ficou de pé e encarou a irmã, catapultada para fora do espanto e do medo. — Pensa que, por drogar algumas das minhas damas de companhia e enganar alguns guardas, firmou o direito de reivindicar o trono? Não se esqueça de que sou a rainha de Khauran! Como minha irmã, posso dar-lhe um lugar de honra, mas...

Salomé deu uma risada odiosa.

— Quanta generosidade da sua parte, querida irmã! Mas, antes que comece a me pôr no meu lugar, talvez queira me dizer de quem são os soldados acampados nas planícies, do lado de fora dos muros da cidade?

— São mercenários shemitas de Constantius, o voivoda kótico dos Companheiros Livres.

— E o que fazem em Khauran? — Salomé murmurou.

Taramis sentiu que ela estava sutilmente zombando, mas respondeu com aquela dignidade que dificilmente abandonava.

— Constantius pediu permissão para atravessar as fronteiras de Khauran em seu retorno para Turan. Ele próprio é refém em troca do bom comportamento deles enquanto estiverem em meus domínios.

— E Constantius... — Salomé continuou — ...não pediu a sua mão hoje? Taramis disparou um olhar de superioridade.

— Como sabe disso?

Um insolente dar de ombros foi a única resposta.

— Você recusou, querida irmã?

— Claro que recusei! — Taramis exclamou, zangada. — Você, que é uma princesa askhauriana, supõe que a rainha de Khauran poderia tratar tal proposta com algo além de desdém? Casar-me com um aventureiro cujas mãos estão sujas de sangue, um exilado de seu próprio reino por causa de seus crimes, o líder de uma organização de saqueadores e assassinos profissionais? Jamais deveria ter permitido que ele trouxesse seus matadores de barba preta para Khauran. Mas ele é praticamente um prisioneiro na torre sul, guardado pelos meus soldados. Amanhã vou mandá-lo ordenar que suas tropas deixem o reino. Ele continuará prisioneiro até que cruzem a fronteira. Enquanto isso, meus soldados patrulham os muros da cidade, e eu o alertei de que terá de responder por quaisquer ultrajes perpetrados contra camponeses ou pastores pelos seus mercenários.

— Ele está confinado na torre sul? — Salomé perguntou.

— Foi o que eu disse. Por que pergunta?

Como resposta, Salomé bateu palmas e ergueu a voz com um gorgolejo de júbilo cruel, dizendo:

— A rainha lhe concede uma audiência, Falcão!

Uma porta com arabescos de ouro se abriu e uma figura alta adentrou o cômodo, arrancando um grito de ira de Taramis.

— Constantius! Você ousa entrar em meu quarto!

— Como pode ver, Majestade! — Ele curvou a cabeça de falcão em humildade zombeteira.

Constantius, a quem os homens chamavam de Falcão, era alto, de ombros largos, cintura estreita, magro e forte como aço flexível. Era bonito de uma maneira bruta e aquilina. Tinha o rosto bronzeado pelo sol, e os cabelos, que cresciam distantes da testa larga, eram pretos como um corvo. Seus olhos escuros eram penetrantes e alertas, e o ralo bigode preto não diminuía a rigidez dos lábios finos. Suas botas eram de couro kordavano, as calças e gibão de pura seda escura, manchada pelo desgaste dos campos e a ferrugem da armadura.

Torcendo o bigode, ele deixou o olhar viajar de cima a baixo pela rainha histérica com um descaramento que a fez estremecer.

— Por Ishtar, Taramis — disse suavemente. — Eu a acho mais atraente nas vestes de dormir do que nas roupas de rainha. Esta é, sem dúvida, uma noite auspiciosa!

O medo cresceu nos olhos escuros da rainha. Não era tola; sabia que Constantius jamais tentaria aquele ultraje se não estivesse seguro de si.

— Você ficou louco! — Exclamou. — Se estou em seu poder neste quarto, você também está em poder de meus súditos, que o farão em pedaços se me tocar. Vá embora de uma vez, se quiser viver.

Os dois riram com escárnio e Salomé fez um gesto impaciente.

— Chega dessa farsa; vamos para o próximo ato da comédia. Ouça, querida irmã... fui eu quem chamou Constantius aqui. Quando decidi tomar o trono de Khauran, procurei um homem que pudesse me auxiliar e escolhi o Falcão, que se mostrou completamente desprovido de todas as características que os homens chamam de boas.

— Estou consternado, princesa — Constantius murmurou sardonicamente, fazendo uma ampla saudação.

— Eu o enviei para Khauran e, com seus homens acampados nas planícies e ele dentro do palácio, entrei na cidade por aquele pequeno portão do lado oeste... os tolos que o guardavam acharam que fosse você, voltando de alguma aventura noturna.

— Sua maldita! — As bochechas de Taramis se inflamaram e o ressentimento levou a melhor sobre a postura régia.

Salomé deu um sorriso severo.

— Eles ficaram devidamente surpresos e chocados, mas me deixaram entrar sem questionar. E entrei no palácio do mesmo modo, dando ordens às sentinelas aturdidas para que partissem, assim como aos homens que guardavam Constantius na torre sul. Então, vim para cá, cuidando das damas de companhia no caminho.

Os dedos de Taramis se crisparam e ela empalideceu.

— Bem... e agora? — Perguntou com a voz trêmula.

— Ouça! — Salomé inclinou a cabeça. Pela armação da janela veio baixinho o retinir de homens de armadura marchando; vozes grosseiras disparadas em uma língua estranha e gritos de alarme misturados com berros.

— O povo desperta e tem medo — Constantius disse, sardônico. — É melhor ir lá tranquilizá-los, Salomé!

— Me chame de Taramis — Salomé respondeu. — Temos de nos acostumar a isso.

— O que você fez? — Taramis bradou. — O que você fez?

— Fui até os portões e ordenei que os soldados os abrissem — a bruxa explicou. — Eles ficaram pasmos, mas obedeceram. O que você escuta é o exército do Falcão, marchando para dentro da cidade.

— Maldita! — Taramis gritou. — Você traiu meu povo, disfarçada de mim! Me fez parecer uma traidora! Ah, devo ir a eles e...

Rindo, Salomé agarrou o punho dela e a puxou para trás. A prodigiosa flexibilidade da rainha era indefesa contra a força vingativa dos membros esguios de sua irmã.

— Sabe como chegar aos calabouços do palácio, Constantius? — A bruxa inquiriu. — Ótimo. Tranque esta esquentadinha na cela mais resistente. Todos os carcereiros estão dormindo, drogados. Cuidei disso. Mande um homem cortar o pescoço deles antes que acordem. Ninguém deve saber o que ocorreu esta noite. Assim, eu me torno Taramis, e Taramis, uma prisioneira sem nome em um calabouço desconhecido.

Constantius sorriu; os dentes brancos brilhando sob o bigode fino.

— Muito bom. Mas você não me negaria um pouco de... há... diversão antes, não é?

— Não! Dome a vadia petulante como quiser. — Com uma gargalhada maligna, Salomé empurrou a irmã para os braços do kothiano e saiu pela porta que dava para o corredor.

O medo arregalou os olhos doces de Taramis; seu corpo macio lutando contra o abraço de Constantius. Ela se esqueceu dos homens marchando nas ruas e do ultraje contra o trono em face da ameaça à sua feminilidade. Esqueceu-se de todas as sensações, exceto o terror e a vergonha, enquanto encarava o cinismo completo nos olhos ardentes e zombeteiros de Constantius e sentia aqueles braços duros esmagando seu corpo.

Atravessando o corredor do lado de fora, Salomé abriu um sorriso de desprezo quando um grito desesperado e agonizante ecoou pelo palácio.

